



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Aula de arte com objeto pedagógico roupa: questionamentos, percepções do corpo e visualidades experimentados
<b>Autor</b>	DIANE SBARDELOTTO

# **Aula de arte com objeto pedagógico roupa: questionamentos, percepções do corpo e visualidades experimentados**

## **Art class with teaching object clothing: questions, perceptions of the body and experienced visualities**

Diane Sbardelotto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: diane.sbardelotto@yahoo.com.br

### **Resumo**

Este relato apresenta uma aula experimental realizada com material didático criado para exploração de sensações corporais, visualidades e pensamento crítico sobre o ato de vestir o corpo, as questões afetivas, significados na moda e possibilidades lúdicas da roupa. Será apresentado o material composto por peças de roupas e a sequência de atividades e produtos da aula que se deu com momentos de conversa, experimentação das peças, atividade prática de desenho, fotografia e manipulação digital.

**Palavras-chave:** Roupas propositivas, Material didático, Experiência de Ensino, Corpo, Arte.

### **Abstract**

This report presents an experimental class performed with educational material created for the exploration of bodily sensations, visualities and critical about donning of the body, emotional questions, meanings in fashion and recreation possibilities of clothes. Will be presented the material composed of pieces of clothing and the sequence of activities and products of lesson that was given to moments of conversation, trial of the pieces, practical activity of drawing, photography and digital manipulation.

**Keywords:** Propositional clothing, Educational material, Teaching experience, Body, Art.

## **1. Introdução**

O material didático a ser aqui descrito surgiu a partir da observação de aulas de uma turma do ensino médio politécnico, onde se percebeu a dificuldade da utilização do corpo nas atividades em sala de aula, em movimentar-se nas classes, na ocupação do espaço, na idealização estética e ausência de ações didáticas que estimulassem os sentidos e inquietações que permeiam esse assunto de modo peculiar e por vezes problemático na fase da adolescência.

A necessidade de trabalhar sobre e com o corpo, diante da amplidão de possibilidades de aprendizagem dos sentidos, complexidade e o desafio<sup>1</sup> de elaborar um material didático para o ensino de arte, motivou a confecção de uma série de dez peças de roupas chamadas de Roupas-propostas.

---

<sup>1</sup>Produção final da disciplina de Laboratório de Construção de Material Didático, ministrada no de curso de Artes Visuais-Licenciatura da UFRGS, pela professora Andrea Hofstaetter no primeiro semestre de 2014.

A escolha partiu da pesquisa poética do elemento *molde* que venho desenvolvendo motivada pela experiência de trabalho como costureira em uma fábrica de roupas em série. Também, deve-se ao poder simbólico que a indumentária possui no cotidiano escolar e na sociedade em geral, podendo ser considerada tema do que Tomaz Tadeu da Silva chama de currículo oculto<sup>2</sup> ou parte do que Maria Acaso considera pedagogias invisíveis<sup>3</sup>.

O material didático foi produzido pensando-se a apropriação pela arte de objetos do cotidiano e sua potencialidade de aproximação com a vida, na busca por responder afirmativamente as questões de Miriam Celeste Martins:

O contato e manipulação com materiais da experiência vivida poderiam nutrir o desenvolvimento da imaginação, da fantasia, da percepção da arte e da cultura? Poderiam provocar mediações que gerassem experiências estéticas?<sup>4</sup>

As Roupas-propostas pretenderam ser estímulos ao pensamento crítico, proporcionar sensações e criar visualidades que se dissociassem de arquétipos da cultura massificada, incitando aos alunos percepções diferentes das que estão acostumados.

Costuradas com tecidos de diversas tramas e texturas, alguns com elasticidade, transparência, diferenças de peso, dureza ou maleabilidade, as roupas possuem formatos avessos aos contornos reais do molde de corpo humano tido como padrão para produção em vestuário, no entanto, sugestionam em alguns aspectos, roupas comuns.

A aula experimental, realizada em uma turma de graduação em artes visuais, com objetivo de avaliar as propriedades do material criado, ocorreu em três etapas e uma reflexão posterior.

## **2. Relato da aula experimental com material didático e algumas impressões**

Como meio de ambientação no assunto, sobre o qual não houve um estudo prévio como se sugere para o uso deste material em projetos de ensino, foram usadas algumas perguntas disparadoras (Figura 1) para iniciar uma conversa sobre corpo e roupa.

Propondo uma desestabilização através de questionamentos pessoais voltados para a moda

---

<sup>2</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Conceito que abarca aspectos do ambiente escolar que, sem fazerem parte do currículo oficial, implicitamente levam a aprendizagens sociais, especialmente no que diz respeito à comportamentos, valores e orientações.

<sup>3</sup> ACASO, Maria. **rEDUvolution: Hacer la revolución em la educación**. Paidós: 2013. Citado pela autora como um conjunto infinito de microdiscursos que ocorrem na sala de aula em segundo plano, transformando-se em aprendizagens.

<sup>4</sup> MARTINS, Miriam Celeste. **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, outubro de 2005.

e afetividade da roupa, escritas em primeira pessoa, as perguntas foram aplicadas em forma de fichas (Figura 2) construídas em papel craft, material comumente utilizado para moldes, porém em formatos discrepantes de modelagens e com bordas costuradas à máquina.

Eu tenho uma roupa que representa algo afetivo?  
Guardo uma roupa de alguém?  
Já usei roupas de outra pessoa? Como me senti?  
Qual era minha roupa preferida na infância? E qual é hoje?  
Já fiz uma roupa? Para mim? Para quem?  
Tenho guardada uma roupa que nunca usei?  
Para que servem as roupas?  
Que roupa eu usava no momento que considero o mais importante de minha vida?  
Tenho uma roupa incômoda?  
A roupa me deixa bonito(a) ou é o meu corpo que confere beleza a ela?  
Que lembranças eu tenho que estejam associadas a roupas?  
Visto-me como gosto? Como posso? Como os outros querem?  
O que se posso fazer com uma roupa além de vesti-la?  
Já encontrei alguém usando uma roupa igual a minha?  
Qual é o meu estilo de me vestir?  
Posso conhecer uma pessoa apenas analisando a roupa que ela usa?  
Gostaria de ter o corpo diferente do que tenho?  
Alguma vez já me senti constrangido pela roupa que estava usando?  
Para mim, cada local/ocasião deve ter uma roupa apropriada?  
Como seria minha vida se eu não usasse roupas?

Figura 1 – Lista de perguntas utilizadas nas fichas. Fonte: Acervo pessoal



Figura 2 – Fichas de perguntas. Fonte: Acervo pessoal

Na atividade, sentados em círculo, os participantes deveriam pegar uma ficha e apenas apresentar sua resposta. Quando todos terminaram foram então lidas as perguntas numa inversão da ordem, o que gerou confusão, mas de maneira positiva, possibilitou o deslocamento do lugar comum. As respostas pareceram ser dadas de maneira insegura e na

medida em que ia se travando uma conversa, os participantes buscavam entender do que se estava falando, alguns tentando responder às perguntas lidas pelos outros.

Também, no segundo momento, quando lhes foi oferecido o material didático em uma sacola, houve intimidação. Cada um deveria enfiar a mão sem saber o conteúdo e puxar para fora uma roupa, o que configurou sensações pelo tato, um instante imaginativo, a tentativa de reconhecimento do que se estava pegando, silêncio, receio, mas visível curiosidade. É possível compreender pela observação desse momento, comparando-o a situações parecidas na escola, que ocasiões em que o aluno é convocado a se tornar o sujeito ativo, em que lhe são interpostas situações não familiares, pode haver um bloqueio. Se isto é causado pela novidade, que geralmente é desconfortável, poder-se-ia concluir que atividades apresentadas como proposições estariam sendo pouco trabalhadas na escola?

Os participantes receberam a instrução de vestir as Roupas-propostas da maneira que julgassem servir melhor ao seu corpo. Este pareceu ser um momento divertido de conhecer (ou reconhecer) os objetos e criar com eles visualidades sobre si. As Roupas-propostas foram usadas de maneiras diversas e inesperadas pelos participantes. Luvas que se ligam por um dedo alongado e sem fim (Figura 3) criaram uma conexão visual e simbólica entre as duas mãos, que foi experimentada depois nas mãos de duas pessoas simultaneamente.



Figura 3 - Participante vestindo as luvas. Fonte: Acervo pessoal.

Na blusa construída em malha (Figura 4), as diversas mangas que a compunham foram transformadas em extensões abarcando também as pernas. Essa peça permitiu que o usuário se relacionasse com os buracos das mangas pensando, confundindo-se, experimentando-os como se fossem caminhos sobre os quais deveria decidir a melhor maneira de entrar na roupa.

Uma estrutura com dois bolsos triangulares nas pontas (Figura 4), construída em sarja, um tecido mais espesso e rígido, foi usada perpassando as costas até os braços, gerando uma situação de aperto e desconforto. A roupa como algo desconfortável propicia discussões

sobre a moda e os sentidos primordiais da roupa enquanto produto prático-funcional, estético e simbólico<sup>5</sup>, o que pode ser tanto uma tema da arte como de outras disciplinas.



Figura 4: Aluno usando a blusa. Fonte: Acervo pessoal

A mesma peça também foi usada na cabeça como uma espécie de touca, aproveitando-se a versatilidade do objeto e a propensão à criação de possibilidades e funções múltiplas, uma vez que não foi modulada para um corpo único. As Roupas-propostas tal como no conceito de Obra aberta, de Umberto Eco, possuem de sentidos indefinidos.

[...] proposta de um "campo" de possibilidades interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, de maneira a induzir o fruidor a uma série de "leituras" sempre variáveis; estrutura, enfim, como "constelação" de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas.<sup>6</sup>

A relação entre o participante e o material didático é de contato corporal mas tem sentido poético, o que pode situá-lo no limiar entre situações de aprendizagem e experiências de vida, que não deveriam ser separadas. A produção de Lygia Clark especialmente em seus objetos relacionais<sup>7</sup>, artefatos que ela usava em investigações que convocavam a experiência do receptor como condição para a existência da obra de arte, é referencial contíguo às Roupas-propostas, inclusive podendo ser trabalhado em paralelo à utilização do material.

Em seu texto Nós Somos os propositores, de 1968, em seu Livro-obra a artista escreve:

<sup>5</sup> GOMES FILHO, João. **Design do objeto: Bases conceituais**. São Paulo: Escrituras, 2007.

<sup>6</sup> ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 2ª Ed. Perspectiva: São Paulo, 1971.

<sup>7</sup> Suely Rolnik no texto **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica**, fala do poder que os Objetos relacionais de Lygia Clark tem de nos fazer diferir de nós mesmos.

Disponível em: <http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf> . Acesso em 29/07/2014.

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores:enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.<sup>8</sup>

Outras peças do material didático ainda apresentaram desdobramentos através do que Lygia Clark definia em seus trabalhos como a realização da obra, a interação do participante. A calça cujo espaço entre as pernas possui um zíper, foi fechada e aberta em movimentos de juntar e separar membros do corpo. Pequenos bolsos e saquinhos preenchidos com diferentes conteúdos (fibra de silicone, arroz, algodão, isopor) pendurados por elásticos, golas volumosas, peças armadas, outras macias, felpudas ou lisas proporcionaram interações tácteis variadas. Uma vestimenta de tule foi usada sobrepondo-se em sua transparência com a roupa que o participante já vestia, composição entre a roupa comum que denota um aspecto identitário do sujeito e as Roupas-propostas com relações inéditas (Figura 5).



Figura 5 – Outras roupas sendo utilizadas pelos participantes. Fonte: Acervo pessoal

A proposição de que as roupas fossem vestidas teve boa adesão, também por se tratar de um grupo consciente de que estaria fazendo um experimento. No entanto, é importante pensar que em turmas de escola será necessária uma preparação para situações possíveis de negação de utilizar o material, por timidez, medo de ridicularização e outros problemas associados às aparências que serão criadas. Este é um aspecto sobre o qual justamente se intenciona trazer à tona discussões úteis à vida dos estudantes, por isso devem ser trabalhadas com cuidado e reflexão. Caberá ao professor, estudar a melhor maneira e tempo de usá-lo, especialmente conhecendo um pouco os alunos com os quais vai trabalhar essa proposta.

O terceiro momento se deu quase que espontaneamente, quando os alunos começaram a

---

<sup>8</sup> Texto Nós somos os propositores, 1968. Disponível em: [http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=25](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=25), acesso em 29/07/2014.

fotografar uns aos outros nas situações que criavam com as roupas, o que fazia parte do planejamento da aula. Assim, foram apenas dadas as orientações para que, na captura das imagens, atentassem para as novas formas ou deformações adquiridas pelo corpo e às sensações que cada roupa trazia. Poderiam ser fotografadas e trabalhadas em programas de edição (Figura 6), mas também foram distribuídos papéis e carvão para os que preferissem usar o desenho como meio.



Figura 6 – Fotografias tiradas pelos participantes e trabalhadas em programas de edição com filtros.  
Fonte: Fotografias de Andrea Hofstaetter

O objetivo era ambientar um espaço com criatividade onde houvesse uma dinâmica de ações não padronizadas, com total liberdade para a produção artística. O grupo decidiu que os alunos posariam um de cada vez ou em duplas, no centro da sala, por alguns minutos para que os demais pudessem desenhar ou fotografar. Alguns desenhos foram voltados para o processo de desenhar, outros extrapolaram a observação a partir do registro de situações imaginárias com as Roupas-propostas (Figura 7).



Figura 7 – Desenhos em carvão e caneta realizados pelos participantes. Fonte: Acervo pessoal



É possível dizer que as produções foram realizadas com prazer e dedicação num contexto em que habilidades e sentidos foram aproveitados e mais de um método de aprendizagem foi aplicado. Segundo Parsons "[...] a integração ocorre quando a aprendizagem faz sentido para os estudantes, especialmente quando a conectam com os próprios interesses, experiências de mundo e vida" <sup>8</sup>, pensamento que reforça a relevância do uso de um material didático cuja estrutura baseia-se em objetos habituais e em ações significativas na sua constituição humana.

### 3. Conclusão

Conclui-se que a aula experimental foi bem sucedida e o material eficaz na sua proposta, mas a relevância desta atividade se deve principalmente às novas questões e idéias geradas para pensar. Ao final da aula, os alunos participantes conversaram sobre suas impressões do material e como ele foi usado, fazendo sugestões. Um apontamento feito diz respeito a outras aplicabilidades possíveis como, por exemplo, a inserção em aulas com grupos de crianças.

Um modo alternativo seria que cada aluno levasse uma das roupas para sua casa, realizasse uma ação em um lugar específico explorando a vestimenta em seu corpo, em outras pessoas ou coisas, e registrasse, o que poderia compor um repositório online de imagens de registro, semelhante ao projeto NBP<sup>10</sup>, de Ricardo Basbaum.

O vestir poderia ser transformado em performance, em projetos que explorem a ludicidade ou a criação cênica. Além disso, o material pode compor projetos de ensino interdisciplinares percorrendo temas sociais ou da filosofia, aliando-se a imagens não só da história da arte, mas da literatura, moda, publicidade e outras. Também, em outros contextos as Roupas-propostas ganhariam outros sentidos se confeccionadas pelos próprios alunos ou com ajuda de familiares, usando-se materiais diferentes.

Observar que os alunos permaneceram vestindo suas roupas enquanto desenhavam e fotografavam seus colegas, numa posição de estranhos-iguais e perceber que isso criou um ambiente envolvente, leva a perguntar que outras configurações a aula pode assumir quando o

---

<sup>9</sup> Talcott Parsons é citado por Maria Helena Rossi em: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs.) **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

<sup>10</sup> Projeto contínuo em que a partir da pergunta *Você gostaria de participar de uma experiência artística?*, o artista oferece um objeto para que o participante leve para casa e realize uma experiência. A descrição do projeto e os registros das ações já feitas estão disponíveis em: <http://www.nbp.pro.br/projeto.php>. Acesso em 29/07/2014.

professor circunavega o campo de possibilidades que é o da construção e utilização materiais didáticos, para que os alunos sintam vontade e liberdade de entregar-se inteiramente, usando mente e corpo em experiências vivas que os aproximem da arte, que sejam arte.